



A volta do filho prodigo

Para penetrardes bem a belleza do quadro que esta estampa reproduz, recordae-vos comigo da formosa passagem do Evangelho de S. Lucas, onde vem a parabola do *filho prodigo*. Partira este da casa paterna, levando consigo toda a sua fazenda, que desbaratou dissoluto na terra estranha; mas á hora em que a miseria e a fome

o attribularam, lembrou-se do pae, e já arrependido voltou a pedir-lhe perdão, que alcançou facil da ternura do velho progenitor:

— Levantou-se pois, e foi buscar a seu pae. E quando elle ainda vinha longe, vio o seu pae, que ficou commovido de compaixão, e correndo lhe lançou os braços ao pescoço para o abraçar, e o beijou. —

— E o filho lhe disse: — *Pae, pequei contra o Céu, e diante de ti, já não sou digno de ser chamado teu filho.* —

O quadro pinta admiravelmente, e com a maior naturalidade, a postura propria da submissão, do arrependimento, e da supplica, em que necessariamente devia estar o filho prodigo, ao passo que a interessante figura do pae, ancião repassado de ternura e do generoso sentimento do perdão, é desenhada do modo mais expressivo e verdadeiro. Aqui, tudo é singelo, natural, e eloquente de simplicidade — que encanta, e está em harmonia com a singeleza da narração do Evangelho.

Mas... de quem é esse bello quadro? É obra de *Lionello Spada*, pintor Italiano, da escola de Bolonha, que floresceu da primeira metade do seculo XVII.

Lionello Spada, filho de paes pobres, nasceu em Bolonha no anno de 1576. Quando, ainda moço, entrou na officina dos Caracci, como servente encarregado da limpeza da mesma officina, de moer as tintas, etc., por felicidade sua, a natureza fallou, incitando-o a sair das raias da sua humilde condição, e a imitar as obras de pintura que tinha diante dos olhos. Ao principio copiou na escola dos Caracci; mais tarde, entrando na de Baglione, e relacionando se com o seu condiscipulo Dentone, aprendeu a perspectiva, e adquirio o gosto correcto e a verdadeira percepção do claro escuro, que tornaram conspicias as suas obras.

Spada, irritado por uma observação de Guido, em que transluzia o desprezo, ácerca de um quadro que pintára, resolveu vingar-se oppondo ao estylo delicado e ideal daquelle um estylo vigoroso e natural. Passou a Roma a frequentar a escola de Caravaggio, e chegou a ser tão vigoroso como este ultimo, na sua *maneira*, mas mais suave e harmonioso. A inveja, que em todos os tempos reina entre os homens, foi parte para que os rivaes de Spada, em Bolonha, o alcunhassem de — *La Scimia* —, querendo dizer que fôra o imitador servil, o macaco de Caravaggio.

Adquirindo uma grande reputação, foi chamado a Reggio, Modena, Parma, e outras cidades, onde fez diversas pinturas a fresco e a oleo; e, graças ao bom desempenho dessas obras, foi no meado pintor da corte de Ranuccio, duque de Parma, e ali permaneceu até que o seu protector cessou de viver.—Spada morreu no anno de 1622, tendo de idade 46 annos.

A sua obra prima, como tal considerada geralmente, é a grande pintura de S. Domingos no acto de queimar os livros condemnados dos heresiarcas; mas tambem figura entre as suas notaveis producções a pintura da *volta do filho prodigo*.

Quando Guilherme, principe de Orange, entrou em Inglaterra para derribar do throno Jacques II, vio-se, este ultimo, reduzido ao abandono de todos, e pediu conselho ao conde de Bedford, pae de Lord Russel, que no reinado precedente, e por influencia do mesmo Jacques II, havia sido decapitado.—O conde de Bedford respondeu: *Eu tinha um filho, que bem poderia agora socorrer-vos.*

## A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

(Continuado de pag. 220)

### VIII

#### As nupcias na guilhotina

Lembram-se daquella corrida phantastica e vertiginosa que Burger nos descreve numa das suas admiraveis balladas? Lembram-se daquella carreira espectral, que devorava montes, galgava precipicios, aplanava rios, e fazia percorrer a esses sombrios cavalleiros do tumulo no breve espaço duma noite o espaço que os vivos só em longos mezes percorrem?

Lembram-se da caçada infernal que arrasta no seu turbilhão de risos, de clamores, de sons de trompa, de ladridos de cães o-*beau Péopin* da ballada de Victor Hugo, caçada que parece percorrer, como locomotiva diabolica, todas as vezes da floresta de Satan, e que percorre o infinito, que parece durar uma noite, e que dura um seculo?

Pois só assim poderiam ter idéa da rapidez verdadeiramente vertiginosa do nosso Gaspar.

Sombrio, envolto na sua longa capa, com os cabellos fluctuantes ao vento, porque lhe caíra o chapéo na primeira galopada, atravessava Gaspar, como um turbilhão, os postos avançados dos portuguezes, e dos hespanhoes, que o julgavam encarregado de despachos importantes para o marquez de Vallesantoro, governador de Bellegarde, conforme elle lhes dizia de passagem.

A pouco e pouco foram diminuindo as guardas avançadas, e a estrada, ou antes, o trilho aberto na montanha, desenrolou a sua fita deserta diante dos olhos do joven official. Só de quando em quando um grupo de emigrados francezes, que, tendo ficado á retaguarda, acceleravam o passo para se porem ao abrigo do exercito alliado, apparecia ao longe, e desviava se para deixar passar esse cavalleiro, seguindo-o com olhos arrastados de agua, porque o viam internar-se na terra querida, onde lhes ficára o coração.

Se elles soubessem a tempestade que rugia no espirito desse cavalleiro impassivel!

As vezes uma pobre senhora, succumbindo á rapidez da marcha e ás dores pungentes do exilio, caia desfallecida á beira da estrada. Então Gaspar sustava o cavallo, e dirigindo-o para ella procurava distinguir-lhe as feições; mas, encontrando um desengano, continuava no galopar vertiginoso, murmurando:

— Edmée!

E os companheiros da pobre emigrada não o accusavam de egoismo e de indiferença, não o amaldiçoavam, mas, depois de o terem encarado fitos, curvavam-se em silencio perante essa dor immensa.

E elle continuava no seu galopar vertiginoso. Não o faziam parar nem as torrentes, nem as asperezas das rochas, nem os despenhadeiros. Descera a noite sobre as montanhas. Os pincares escavados dos Pyrenéos desenhavam-se vagamente

na atmosphera nocturna. De quando em quando ouvia-se o grito sinistro das aves das alturas. E no meio desse silencio austero das cumiadas resoava lugubrememente, acordando eccos infinitos, o tropear do cavallo. Algum pastor que ao longe preparava a sua ceia frugal junto da fogueira que illuminava o horisonte, como almenara do moiro, julgava sentir a bulha dos passos do demonio das geleiras, do espirito infernal, que desprende rindo as avalanchas e as despenha sobre a choça da planicie. Qualquer dos romanticos deste seculo, se visse passar no seio da noite esse centauro sombrio, julgaria ver Fausto levado por um Mephistopheles invisivel ao congresso demoniaco de Brocken, na sinistra noite do walpurgis.

O cavallo, rendido, não obedecia já ás esporas que se tingiam de sangue. O nosso joven official vio-se obrigado a parar numa aldeia da serra, mas nesse rapido descanso não cuidou de si, cuidou unicamente em restaurar as forças do pobre corcel. Bem pensado, reanimado por um repouso duma hora, o cavallo pôde outra vez descer, no mesmo galope voador, as escarpas dos Pyrenéos. Alvoreceu a manhã semeiando das rosas do nascente o horisonte, onde se recortavam as cristas dos serros, e entre as brancuras lividas da nebrina, entre a purpura affogueada do Oriente surgia sempre, sempre esse cavalleiro phantasma, esse ente indefinivel, esse vaporoso centauro que transpunha os abysmos num galope infernal.

A galope! A galope! Cada instante de demora pôde trazer consigo o infortunio, cada hora que se escoia na ampulheta no tempo, é uma pagina doirada que se rasga talvez no livro da existencia.

A galope! A galope! O sol já inunda o céu com torrentes de luz, as flores erguem a corolla para receberem o beijo matinal do seu ardente amante. Mas quem sabe se nesse momento essa purissima flor, que os homens chamam Edmée, não pende na haste, desfallecida, exhalando, como ultimo perfume, uma palavra de amor?

A galope! A galope! Já se divisa ao longe a vasta planicie, onde ha pouco se erguia o acampamento portuguez; a ponte magestosa desenha na atmosphera a arrojada curva do seu arco monumental; ouve-se o bramir do Tech, deslizando por entre as pedras do seu leito.

A galope! A galope! lá está ao longe a branca villa de Ceret, com a sua casaria timidamente agrupada em torno dos seus campanarios. Victima innocente da guerra, quantas vezes a teem pisado e repisado, nas fluctuações da victoria e da derrota, os exercitos contendores!

Na sua excursão pelas montanhas, Gaspar encontrára muitas vezes os tristes vestigios dos combates; cadaveres abandonados, que ainda não houvera tempo para sepultar, e em torno dos quaes voltejavam os negros bandos dos corvos.

Passando por ao pé dum cadaver de official republicano, Gaspar apodeia-se-lhe do chapéo, e põe-o na sua cabeça. A sua longa capa continua a esconder-lhe completamente o uniforme.

Não eram necessarias essas precauções. A audacia é, muitas vezes, mais prudente que a prudencia. Como podia o exercito victorioso pensar que um official do exercito derrotado voltara atraz para internar-se *de gaieté de cœur*, como elles diziam no territorio sulcado pelas tropas inimigas? Tres ou quatro palavras em puro francez com que Gaspar respondeu concisamente a um soldado de cavallaria foram bastantes para o porem ao abrigo de qualquer suspeita.

Chegou, finalmente, a casa de Edmée. Os vidros das janellas, todos quebrados, deram-lhe logo tristissimos rebates no coração. Subio porem. Vagamente esperava que Edmée se tivesse escondido nalgum recanto. As salas conservavam os vestigios da devastação brutal. Espelhos partidos, moveis espalhados, uma desordem completa. Gaspar, desorientado, chamou Edmée em altos gritos. Respondeu-lhe o silencio lugubre. Correu ao quarto della. A porta estava arrombada, e num lago de sangue jazia o cadaver do creado. O crucifixo querido de Edmée pendia apenas dum prégio, e, melancolico, parecia contemplar com desalento esta scena de carnificina.

— Oh! morrer! morrer com ella, ou por ella e vingando-a, bradou Gaspar.

E, louco de desespero, desceu as escadas, montou a cavallo e partio a galope na direcção da villa.

Quando entrou nas ruas notou que havia uma grande affluencia de povo, que se encaminhava para a praça. Ouviam-se gritos de morte, gargalhadas ferozes, e o *Ça ira* cantado em coro por homens desbragados que ameaçavam as pessoas amontoados numa carreta que sulcava a muito custo as ondas do populacho.

Gaspar poz-se em pé nos estribos, mas não pôde ver coisa alguma. A carreta ia rodeada de gendarmes a cavallo que escondiam completamente os vultos dos infelizes, alvo dos insultos da plebe.

Comtudo, o joven official não podia avançar com a rapidez que desejava, porque a multidão era tão compacta que o seu cavallo ia como que impellido lentamente pelas ondas da turba. Afinal chegaram a um largo. O povo, apertado nas ruas estreitas, pôde ali espraia-se, e Gaspar desaffogado pode ver, no centro da praça, essa horrivel machina de invenção nova que se chamava guilhotina, e que havia dois annos estava sendo instrumento de tantos crimes!

A carreta parára, e as pessoas que nella iam assomavam á plataforma do cadafalso. Gaspar mirava com avidez esse espectaculo horrendo. Duas vezes vio o cutello sanguinolento erguer-se e abai-xar-se, e decepar a cabeça de um velho, e a dum moço na flor da juventude. Mas de subito o nosso infeliz compatriota soltou um grito de desespero. Vira surgir ao cimo dos degrãos vermelhos de sangue o rosto pallido, coroadado com loiras tranças, d'Edmée.

— *Lâches! bourreaux!* bradou elle em voz vibrante, e lançando para traz a capa, e atirando para longe o chapéo republicano appareceu aos

olhos dessa turba, ebria de sangue, com o seu brilhante uniforme de official portuguez.

— Mata, mata! rugio a multidão exasperada.

E precipitou-se sobre elle Mas Gaspar tirou friamente do cinto duas pistolas, disparou, prostrou os dois primeiros homens que lhe lançaram a mão, fez em torno de si um claro com a espada, e correu na direcção da guilhotina.

Edmée, a um tempo louca de jubilo e dôr, estendia-lhe os braços. Iam ter o gosto ineffavel de se beijarem uma vez antes de transporem os umbraes da eternidade. Mas o algoz, temendo que a sua victima lhe escapasse, agarrou a pelos cabellos, metteu-lhe á força a cabeça na fresta da guilhotina e soltou o cutello. A cabeça gentil da herdeira dos Montlac foi rolar na plataforma aos pés de Gaspar que assomava nesse momento. O official portuguez deu um grito de raiva, e como se anhelasse sentir no pescoço o ferro ainda humido do sangue da sua noiva, foi immediatamente collocar-se debaixo do cutello. Este ergueu-se e caíu com a sua atroz impassibilidade, e a cabeça de Gaspar da Silveira rolou para junto da cabeça de Edmée.

Contava depois o carrasco, tremendo sempre com essa recordação, que vira os labios dessas cabeças decepadas unirem-se num beijo ultimo.

Ou foi fascinação do algoz, ou vira elle realmente consummar-se esse funebre noivado da guilhotina.

São os mysterios da morte. Quem ousa penetrar-os?

M. PINHEIRO CHAGAS

## UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 224)

46. Roderico, reinou III annos. Neste tempo, Era DCCLII, chamados traçoeiramente os Sarracenos, occupam as Spanias e apoderam-se do reino dos Godos, o qual desde então até agora possuem em parte; guerreando pertinazmente os Christãos com elles dia e noite, e soffrendo todos os dias novos conflictos até que a providencia divina os castigue cruelmente. Amen.

Seguem os nomes dos reis catholicos legionenses:

47. Pelagio, filho de Neremundo, sobrinho de Roderico, Rey Toledano. Foi o primeiro que veio aos montes das Asturias, e se escondeu na cova de Anseba.

Depois seu filho Fabila.

Depois Alfonso, genro de Pelagio.

Depois seu filho Froila.

Depois Aurelio.

Depois Alfonso, o Casto, que fundou Aveto.

Depois Nepotiano, seu parente.

Depois de Nepotiano, Ranimiro.

Depois deste, seu filho Ordonho, que venceu Albailda.

Depois seu filho Alfonso que venceu em Ebrillas.

48. Depois deste, seu filho Garsea.

Depois Ordonho.

Depois seu irmão Froila.

Depois seu filho Alfonso.

Depois Sancho, filho de Ordonho.

Depois Alfonso, que cedeu o reino e converteu-se a Deus.

Depois seu irmão Ranimiro.

Depois seu filho Ordonho.

Depois o filho de Sancho Ramiro.

Seguem os nomes dos reis panpilonenses.

49. Sancho, Rey, filho do Rey Garseano, reinou XX annos. Morreu na Era DCCCCXLIII.

Garsea, filho de Sancho, reinou XL annos e alguns mezes.

Segue a ordem dos reis godos ovetenses.

50. O primeiro que reinou em Asturias, foi Pelagio, que residio em Canicas XIX annos. Expulso de Toledo pelo rei Vitizano entrou em Asturias depois que os Sarracenos occuparam Spania. Reinando Juzeph em Cordoba, e Mounuza na cidade de Gegio (onde o pozeram os Sarracenos para dominar os Asturianos), Pelagio foi o primeiro a rebellarse nas Asturias. Destruio os Ismaelitas, morreu-lhe o seu general Alcamano, e foi prisioneiro o bispo Opa. Por fim, Mounuza tambem perdeu a vida, e o povo christão recobrou a liberdade. Os do exercito Sarraceno que escaparam da espada, foram, por juizo de Deus, opprimidos e sepultados pelo monte Libamina, e o reino das Asturias ficou erecto pela Providencia Divina. Morreu o referido Pelagio no lugar de Canicas na Era DCCLXXV.

51. Fabila, seu filho, reinou II annos. Por sua imprudencia foi morto por um urso.

52. Alfonso, genro de Pelagio, reinou XVIII annos. Era filho de Pedro, duque de Cantabria, e quando veio á Austria recebeu por esposa Bermesinda, filha de Pelagio, com beneplacito deste. Quando subio ao throno, guerreou com o auxilio de Deus. Invadio victorioso as cidades de Legio e Astorica, que os inimigos possuiam. Arrasou os campos chamados gothicos até o rio Dorio, e estendeu o reino dos christãos. Foi agradavel a Deus e aos homens. Falleceu de morte natural.

53. Froila, seu filho, reinou XI annos. Alcançou victorias, mas foi barbaro em seus costumes. Matou seu irmão Vimarano, para que não aspirasse ao throno. Depois, por causa da sua força, foi morto em Canicas na era DCCCVI.

54. Aurelio, reinou VII annos. No seu reinado rebellaram-se os escravos contra seus senhores, mas com a astucia destes foram novamente sujeitos e reduzidos á escravidão. Tambem no seu tempo o futuro rei Silo, tomou por esposa Adosinda, irmã do rei Froila, e por ella obteve depois o throno. É fora de duvida que Aurelio falleceu naturalmente.

55. Silo, reinou IX annos. Quando subio ao throno, fixou a côrte em Pravia. Por influencia de sua mãe teve paz com a Spania. (1) Morreu naturalmente, e não deixou prole.

56. Maurecato, reinou V annos.

(Continua)

(1) O chronista dá este nome ao paiz occupado pelos mouros.



A caça do Hippopotamo e do Crocodilo

A presente estampa é reprodução de uma das pinturas de scenas de caça de animaes ferozes, que o celebre pintor Rubens se entretinha por vezes em fazer. A scena que ora vemos representada é de méra phantasia, pois que se considera fabulosa a inimidade entre o hippopotamo e o crocodilo, e maiormente é inadmissivel a lueta dos dois animaes em terra. O que neste genero de pintura se admira é a vivacidade da imaginação do artista, que apresenta, com uma valentia extraordinaria, scenas violentissimas, em que, tanto os animaes, como as creaturas humanas, se debatem ferezes, ou se estorcem na agonia. — Ha quem assevere que o desenho deste quadro é de Miguel Angelo, e que só fôra retocado e aperfeiçoado pelo pintor Rubens.

Rubens, pintor flamengo, nasceu em 1577. Em 1600 foi visitar a Italia, e ali se conservou por espaço de dez annos, vivendo successivamente em Roma, Florença, Mantua, Genova, etc. Em 1610 voltou para Flandres, quando já havia adquirido uma grande reputação. Falleceu em 1640 tendo adquirido uma grande fortuna, por effeito de suas relações com differentes soberanos, e de uma prodigiosa facilidade de trabalho. Em todos os generos de pintura foi grande, no de historia, nos de

paizagem, de flores, de animaes; no entanto, as suas obras de grande nomeada são as do genero historico, e as que representam assumptos religiosos (taes como o *Descendimento de Christo da Cruz*, e a *Crucificação de S. Pedro*.) — Um critico francez, que muito se occupou do exame da vida e das obras de pintores celebres, Gustave Planche, collocou Rubens logo depois dos grandes mestres da Italia: Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, Ticiano, e Correggio; de sorte que, se Rubens não fica na fileira daquelles admiraveis artistas, o nome de Rubens lembra logo depois de os haver nomeado.

Se agora consultarmos Cuvier, saberemos que o *hippopotamo* é o maior dos quadrupedes depois do elephante; tem o focinho muito grosso; as pernas tão curtas, que o ventre arrasta pelo chão. Encontra-se nos grandes rios da Africa, é nadador, mergulha bem; nutre-se de vegetaes aquaticos; ataca e esmaga todos os seres que o inquietam; tem a pelle espessa, trigueira, e quasi sem pello; os olhos e orelhas pequenos; os pés e as mãos divididos em quatro dedos, revestidos de pequenos cascos; quatro incisivos no queixo debaixo, muito grandes, e quatro de cima, curvados para baixo; e todos cobertos pelos beiços. — A

palavra — *hippopotamo* — quer dizer — *cavallo dos rios* — ; vulgarmente chama-se áquelle animal — *cavallo marinho*.

O *Crocodilo do Nilo* tem o focinho mediocre, os dentes desiguaes, os pés palmados, e cristas denteadas sobre a cauda. — Chega a ter algumas vezes vinte e cinco pés de comprido; as vertebras do pescoço são dispostas de modo, que não pôde voltar a cabeça para os lados; as escamas do dorso e a cauda são de uma natureza quasi impenetravel. Tem por inimigos o *peixe serra*, que o ataca abertamente, e o *Ichneumon*, que lhe come os ovos. É carnívoro, e cruel. Em geral o crocodilo exercita uma tyrannia cruel nos rios de todos os paizes quentes, onde vive; e fóra dos tropicos entorpece durante o inverno.

### D'ALEMBERT E M.<sup>me</sup> DE TENCIN

(Continuado de pag. 216)

#### III

Pouco tempo depois que saio a lume o famoso *Discurso Preliminar* da Encyclopedia, magestoso vestibulo desta obra immensa, foi d'Alembert nomeado membro da Academia Franceza.

A reputação de d'Alembert tornára-se européa. Frederico, o grande, rei da Prussia, ao qual não pôde negar-se uma inclinação natural para os homens illustres em todos os generos, e que demais disso, desejava atrair a si os philosophos de todos os paizes, — Frederico, digo, mandou offerer-lhe a sobrevivencia do logar de presidente da Academia de Berlin. D'Alembert rejeitou a offerta; mas Frederico, apesar desta repulsa, concedeu-lhe uma pensão, que d'Alembert aceitou reconhecido, e que sempre lhe foi paga regularmente.

Frederico manteve com d'Alembert uma correspondencia amigavel. Attendo-me ao que observa M. J. Bertrand, devo dizer que as cartas de d'Alembert a Frederico são de um amigo para um amigo; por vezes toma o philosopho uns certos ares de cortezão, mas sem prejuizo da franqueza de suas opiniões, nem da liberdade com que diz o que sente em todos os assumptos.

No entanto, de Paris mesmo veio d'Alembert a ser o principal director de todas as obras scientificas patrocinadas por Frederico, — e como que o embaixador permanente do rei philosopho perante a republica das lettras.

Se Frederico, o grande, não conseguiu que d'Alembert fosse fixar a sua residencia em Berlin, logrou ao menos, á força de instancias, que fosse passar com elle por algum tempo. Deu hospedagem no seu proprio palacio ao sabio francez, convidava-o todos os dias para a sua mesa, e liberalisava-lhe demonstrações de estima, de bondade, e até de confiança. — *Conheceis o rei de França?* lhe perguntou um dia Frederico. — *Só o vi uma vez*, respondeu d'Alembert; *e foi precisamente na occasião em que fui admittido a apresentar-lhe o discurso de recepção na Academia.* — *Que vos disse elle?* replicou Frederico. — *Nem sequer me fallou.* — *Então... a quem falla elle?* (1)

(1) Chamfort. *Caractères et anecdotes.*

Ainda com relação a Frederico, devo tomar nota de um facto, que é sobremaneira honroso para a memoria de d'Alembert. Fez as maiores instancias para que Lagrange fosse chamado a Berlin, e ali tivesse uma collocação vantajosa. Recomendou-o a Frederico vivamente, dizendo-lhe que o mancebo tinha um merecimento raro, era um genio superior, um verdadeiro philosopho, alheio aos preconceitos e superstições, sem ambição, inimigo de enredos e só amante do socego e do trabalho, e detado do caracter mais brando e socialvel. — O que ha nisto de verdadeiramente nobre, é que Lagrange, ainda desconhecido, apenas tinha escripto uma dissertação, destinada a refutar, respeitosa e sim, mas em termos muito positivos, um trabalho importante do proprio d'Alembert sobre as cordas vibrantes. Quem não admirará a lealdade de d'Alembert neste lance?

— Mas, não foi sómente Frederico, o grande, que diligenciou atrair-o á sua corte; tambem Catharina II. imperatriz de todas as Russias, convidou d'Alembert para mestre de seu filho, propondo-lhe as condições mais vantajosas. D'Alembert recusou accetar o honroso encargo; mas a imperatriz, desejando ardentemente fazer uma tal aquisição, deliberou-se a escrever-lhe por seu proprio punho, empregando expressões, as mais lisongeiras para vencer a sua repugnancia. — Esse documento, tão honroso para a memoria de d'Alembert e da propria imperatriz, merece ser reproduzido aqui, — e é assim concebido: — «Senhor d'Alembert. Acabo de ler a resposta que destes ao sr. Odar, na qual recusaes transportarvos á Russia para cuidar da educação de meu filho. Compreendendo que, sendo vós um philosopho, nenhuma difficuldade tenhaes de desprezar o que se chama grandeza e honras neste mundo: tudo isso é de pequena monta aos vossos olhos, e tambem eu sou do vosso parecer... Mas, ter nascido, e ser chamado para contribuir para a felicidade e até para a instrucção de um povo inteiro, e dar de mão a esse chamamento, — é recusar, me parece, fazer o bem que tendes a peito. Funda-se a vossa philosophia sobre o amor da humanidade; e sendo assim, permitti-me que vos diga: recusar-se a servir a humanidade, quando é possivel prestar serviços, importa o mesmo que não attingir os fins da philosophia. Tenho-vos na conta de homem honesto e sisudo, e por isso não posso attribuir a vossa repulsa a vaidade. Sei antes, que a causa dessa repulsa é o amor do repouso para poderdes cultivar as lettras e a amisade; mas que difficuldade ha? Trazei todos os vossos amigos, e a vós e a elles prometto proporcionar todas as doçuras e facilidades que de mim dependem; e por ventura encontrareis mais cabal repouso e liberdade, do que no vosso paiz. Não accedeis ás instancias do rei da Prussia, nem obedeceis ao reconhecimento que lhe deveis; mas reparaes que aquelle principe não tem filhos. Confesso que me inquieta muito a educação de meu filho, e talvez por isso seja eu demasiadamente importuna. Perdoae a minha indiscrição, atten-

dendo ao motivo que a occasiona, e tende a certeza de que é a estima que me torna tão interessada. Catherina.» «P. S. Em toda esta carta só empreguei os sentimentos que encontrei nas vossas obras: creio que não desejareis contradizer-vos.» — D'Alembert persistio na sua recusa, ainda a despeito das mais tentadoras promessas; e bem andou neste particular, preferindo a quietação e a liberdade ás seducções da cõrte de uma soberana despotica e caprichosa.

Permaneceu em Paris, — onde era o membro mais influente da Academia das Sciencias, e o secretario perpetuo da Academia Franceza: occupando-se de redigir os discursos que lia regularmente em ambas com o applauso geral, — sem prejuizo, todavia, dos seus queridos trabalhos mathematicos.

Esses discursos, ou *elogios academicos*, no conceito de M. Villemain, são instructivos, engenhosos, e recheados de aneddotas; mas não espalham sobre as lettras o interesse e o enlevo que Fontenelle sabia dar—ainda ás sciencias mais austeras.

Fallando desses discursos, diz o citado M. J. Bertrand, que eram notaveis pelo ordem, polidez e precisão; mas bem davam mostras de serem feitos por mão de geometra. Estão hoje quasi esquecidos, e em muito pequena parte contribuem para a gloria de d'Alembert; no entanto, Voltaire dizia-lhe em uma carta, a proposito de um daquelles elogios: «Sois o unico escriptor, que não passa alem, nem fica áquem do que quer dizer: tenho-vos na conta de primeiro escriptor do presente seculo.»

D'Alembert publicou tambem alguns trabalhos sobre philosophia, moral e religião, —havendo-se sempre com toda a moderação, e com a mais cautelosa reserva nos assumptos melindrosos. *É uma cousa cruel*, lhe escrevia Voltaire, *imprimir o contrario do que pensamos.* — Assim e, respondeu d'Alembert; mas notaes que no paiz em que habito jaz encarcerado o bom juizo. Não ha muito tempo que foi comminada a pena de morte contra quem quer que publicar escriptos *tendentes* a atacar a religião. Lançaes-me em rosto a minha tibieza; mas olhae, o temor das fogueiras refresca muito... O tempo fará distinguir entre o que escrevemos e o que pensamos. Tenho para mim que o unico partido, para um philosopho que não poder ou não quizer expatriar-se, é ceder em parte a esta abominavel torrente, dizendo sómente um quarto da verdade, se houver perigo em a dizer inteira: o quarto ficará assim apregoado, e fructificará sem prejudicar o auctor.» — Em outra parte dizia d'Alembert: «Cumprer acommetter a superstição indirectamente, com finura e paciência. Preserve-me Deus de assestar a artilheria contra a casa, pois que os defensores desta nos lançariam pelas janellas uma saraivada de tiros de fusilaria: o que convem, é ir erguendo pouco e pouco ao lado della outra casa mais habitavel, onde por certo virá acolher-se toda a gente, ficando assim deserta a que está cheia de leopardos.»

Admiravelmente é pintada a disposição de animo de d'Alembert, quando se diz que folgaria elle bem de derribar e fazer desabar em ruinas o templo, mas sem ficar esmagado, como succedeu a Samsão.

Se, porem, d'Alembert se mostrava prudente e reservado nos escriptos que imprimia, era certo que dava maior expansão aos seus sentimentos nas cartas particulares; não prevendo que essas cartas podessem ser abertas no correio, como de feito o eram. Como poderiam os ministros ler sem indignação e resentimento o que, por exemplo, dizia d'Alembert em uma carta que escreveu a Voltaire: «A França assemelha-se a uma vibora; tudo é bom, excepto a cabeça.»?

Um livro houve, no qual exprimia d'Alembert com a maior franqueza, e sem a menor particula de reserva, tudo quanto sentia: *De la destruction des Jésuites*. Este escripto foi publicado em Genebra, sem nome de auctor, no anno de 1765. Voltaire disse que encontrava ali o estylo de Pascal (alludindo ás famosas *Lettres Provinciales*); o que M. Villemain contesta, com quanto julgue ser viva e satyrica a narrativa, e reconheça que até a imparcialidade do auctor é maliciosa.—Não me aterei a este só juizo; da boca do proprio d'Alembert ouvirei o intento que levava nessa publicação, e o modo por que se houve em distribuir a critica. «Pareceu-me ser mais util, escreve elle a Frederico, maiormente para o bem da França, fazer o que ninguem tinha até agora ousado fazer, isto é, tornar odiosos e ridiculos ambos os partidos, e ainda mais os jansenistas, que se tornaram insolentes desde a queda dos jesuitas, e se tornariam perigosos, se a razão não se apressasse a fazel-os entrar no seu lugar.»

— D'Alembert, que todos julgavam incapaz de fortes commoções, e a quem os seus inimigos chamavam o *seco e frio d'Alembert*, teve, na idade de cincoenta annos, uma paixão amorosa, da maior vehemencia. — Não entra no meu plano particularisar factos desta natureza; basta dizer que teve d'Alembert a desdita de amar mademoiselle de Lespinasse apaixonadamente, sem ser correspondido, — e que a morte da sua ingrata amante, depois de uma declaração de solemne desengano, augmentou, pela dôr, os seus padecimentos phisicos, e lhe abreviou a vida. Contava 56 annos quando cessou de existir.

— Folgo de ler em M. Villemain que os escriptos de d'Alembert não dão idéa da consideração poderosa e pacifica, de que elle gosou entre os seus contemporaneos. Possuía, no mais subido grão, a dignidade de homem de lettras; e para fazer valer este predicado, sobejava-lhe o engenho, — bem como, para o sustentar, muito o servio a illustração que adquirira nas sciencias. A influencia muito notavel que teve, direi até, o prestigio e alta consideração que alcançou, assentavam no desinteresse, na honra, na fidelidade de amigo, na altivez delicada, de que sempre deu mostras. Este homem, que recusara a presidencia da Academia de Berlin, e o emprego magnifico

de director da educação do grão duque, filho de Catharina II, estava reduzido a limitados recursos pecuniarios. Apesar desta ultima circumstancia, e do desfavor do seu nascimento, era um dos personagens mais importantes de Paris, e via frequentada a sua casa, ás noutes, por homens taes como o duque de Choiseul, e outros nobres de alta distincção.

Addicionemos a este magnifico laudo o seguinte epilogo, devido ao ultimo biographo e apreciador critico de d'Alembert, o já citado M. J. Bertrand:

— Homem honesto e homem de bem, foi querido e estimado de todos os que o conheceram. A porfia exaltaram os seus contemporaneos a sua bondade e generosidades, sempre promptas e faças, sempre sem ostentação de virtude. Admirado e gabado, quando ainda moço, pelos mais illustres julgadores, jámais excitou a inveja. Exercitou-se nos generos mais diversos,—e, comquanto em todos não produzisse immortaes obras primas, a opinião geral o collocou na primeira fileira dos sabios, dos litteratos, dos philosophos. Graças á extensão da sua influencia, foi d'Alembert grande entre os seus contemporaneos, não obstante faltarem-lhe a fortuna e as dignidades,— não obstante o infortunio do nascimento, e a humilde simplicidade da sua vida. A nobreza do character andava nelle a par da elevação do espirito. No commercio familiar e intimo dos maiores personagens do seu seculo soube manter, sem frieza, toda a dignidade das suas maneiras, e obter, sem que o exigisse, pelo menos tanta deferencia, quanta liberalisava; mas, se bem que sensivel á gloria e ás satisfações do amor proprio, jámais lhe succedeu, ainda no meio de suas prosperidades— tão numerosas, tão constantes—, encontrar a felicidade... Apenas a entrevio por um instante em uma afeição profunda, delicada, exclusiva, em uma palavra, igual áquella de que se sentia capaz. —

— Temos percorrido a vida e os escriptos de um homem, que á força de talento, e de dignidade pessoal, soube triumphar do desfavor do nascimento, gosou de consideração entre os seus contemporaneos, e grangeou um nome que a posteridade jámais esquecerá.

Assim, creio eu, que aos leitores não terá sido de todo desagradavel acompanhar a breve resenha que lhes tenho apresentado.

#### PALACIO DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.

O Palacio da Exposição Universal de Paris tem o seu assento no *Campo de Marte* d'aquella grandiosa cidade.

Foi escolhido o Campo de Marte pelas razões que vamos dar. Tinha-se observado que a exposição de Londres em 1902 peccara principalmente pela disposição confusa dos objectos, e pela circumstancia de haver dois pavimentos. — o que muito fatigava os visitantes do palacio. Com o intuito de evitar estes dois inconvenientes, decidiu-se que o Palacio da actual exposição não tivesse

senão um pavimento, e que a classificação dos objectos expostos se fizesse por cathogorias de productos semelhantes e por grupos de nacionalidades.

A conveniencia de haver um só pavimento demandava espaços consideraveis; e a classificação por galerias concentricas, correspondentes á similiação dos productos, e por córtes transversaes, correspondentes á exposição dos diversos paizes, demandava necessariamente uma forma ellyptica para o monumento.

Depois de muitas discussões, recahiu a escolha do local sobre o Campo de Marte,—o qual apresentava uma superficie regular de 460:000 metros quadrados, ou 26 hectares, — quer dizer, um local que lhe excede em extensão o assento de muitas cidades importantes.

Mas o campo de Marte apresentava, por outro lado, inconvenientes que a todo o custo cumpria remover, quaes eram: a distancia do centro da cidade,—a separação em que está della pelo curso do rio Sena,— e a circumstancia de estar fóra das correntes da população urbana, que se dirigem em sentido opposto, isto é, de nascente a poente.

Foram, pois empregadas todas as diligencias para estabelecer todo o genero de communicacões por terra e pelo rio, de transito, de accesso é para converter aquelle immenso espaço em uma cidade mágica de recreio, que pudesse encantar os olhos, e prender fortemente a attenção dos visitantes, detendo os por gosto naquelles sitios encantados. E' pasmoso o quanto de sabios trabalhos, de esforços de arte, de prodigios de actividade foram necesarios para operar a transformação maravilhosa, que hoje arrebatava as pessoas que logram a ventura de visitar a exposição.

Diz-se que a disposição architectonica do palacio não é logo ao primeiro aspecto, muito agradavel, por quanto o olho, para me servir de uma expressão que encontro na *Exposição illustrada*, fôge ao longo das curvas, que se vão sumindo, e não é detida por nenhuma saliencia, por nenhum angulo. Mas a configuração do local não permittia outra forma de edificação; e forçoso foi sacrificar a forma exterior do Palacio ás conveniencias das disposições internas.

A configuração do Palacio não é circular, nem ellyptica; duas grandes linhas estão ligadas por duas semi-circunferencias; é uma especie de rontonda allongada, que só tem a apparencia de ellyptica, mas que em realidade é um vasto rectangulo, prolongado sobre duas das suas faces por dois semi-circulos. Dir-se-hia ser o Coliseu romano.

Cumpra que os leitores formem uma tal ou qual idea da vastidão do Palacio e das suas diversas dependencias. — O campo de Marte tem de comprimento 965 metros; e 472 de largura; o Palacio occupa um espaço de 482 metros de comprimento, e 370 de largura: o espaço que sobeja de todos os lados, é destinado para diversos estabelecimentos connexos com a Exposição, e para um parque, com os seus lagos, alamedas, massissos de verdura e mil encantos.

A alma da liberdade é o amor das leis.

KLOPSTOCK.